

UMA ANTENA DA MODERNIDADE PAULISTA

Antonio Pedro TOTA*

Rádio, aparelho eletrônico da modernidade

Surpresa! A síntese contra a morbidez romântica. Oswald de Andrade dá a pista para o moderno. Um dado da modernidade: não reproduzir realisticamente o natural. *Não* ao naturalismo!

Quando Nicolau Tuma diz que, pelo rádio, há necessidade de ser o mais fiel possível à realidade, tornando-a fotográfica, não pretende ser realista/naturalista. Faz, na verdade, a síntese, inerente à modernidade, do cotidiano à sua volta para, via rapidez exigente deste aparelho eletrônico da modernidade, exprimir uma realidade nova não-naturalista.

Agnes Heller sugere que a produção científica e cultural se vale do cotidiano como fonte inesgotável das novas propostas técnicas. O rádio, uma manifestação do moderno, lança mão da vida cotidiana para a sua produção. Há uma separação entre arte e vida cotidiana, que dá condições de este “aparelho” buscar material para a sua produção, separação indispensável a um processo interativo, isto é, um busca no outro elementos de inspiração. Em outras palavras, esta separação permite uma simultaneidade de trocas entre ambos. Se o rádio se apropria dos elementos da vida cotidiana, invadindo-a para reproduzi-los em síntese modernizadora, a vida cotidiana absorve o rádio, como aparelho de modernidade, incorporando-o ao seu estilo de vida.¹

* É professor do departamento de história e do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

1. Agnes Heller aponta um conceito de estilo de vida: “A condução consciente da vida diária dentro dos limites de um modo de vida dado através de uma atitude ética escolhida de uma maneira relativamente livre - é a isto que chamamos estilo de vida ou condução da vida”. Cf. HELLER, Agnes. *O Homem do Renascimento*. Lisboa, Presença, 1982, p. 130.

A presença do cotidiano na produção cultural é um dado da modernidade. É o fim do bucólico, para os modernistas. A partida de futebol entre Palestra e Paulistano substitui o pacato lago azul como cena de fundo para uma declaração de amor.

A cidade de São Paulo transforma-se em metrópole na viragem do século. A cinematografia já era anunciada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua edição de 10 de setembro de 1896. Em 1922, os modernistas diziam em *Klaxon* que “Pérola White é preferível à Sarah Bernhardt. Sarah é tragédia, romantismo sentimental e técnico. Pérola é raciocínio, instrução, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = século 19. Pérola White = século 20. A cinematografia é a criação artística de nossa época. É preciso observar-lhe a lição”².

A eletricidade na cidade. Primeiro a experiência do motor a vapor que fornecia os iniciais 50 quilowatts através da Companhia Água e Luz do Estado de São Paulo, em 1891. Depois, a chegada da famosa Light, modificando o perfil estético da cidade após 1900: uma infinidade de fios e postes. E o mais importante: o bonde. O bonde deixou de ser puxado a burro e passa a andar sozinho. Oswald de Andrade, “sob as ordens de mamãe”, fala sobre o impacto da cidade:

“Anunciou-se que São Paulo ia ter bonde elétrico. Os tímidos dos veículos puxados a burros, que cortavam a morna cidade provinciana, iam desaparecer para sempre. Não mais veríamos na ladeira Santo Antônio, frente à nossa casa, o bonde descer sozinho equilibrado pelo breque do condutor. E o par de burros seguindo depois. Uma febre de curiosidade tomou as famílias, as casas, os grupos. Como seriam os novos bondes que andavam magicamente sem impulso exterior? Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado fatalmente pelo bonde. Precisava Pular”³.

A cidade de São Paulo metropoliza-se. Não como um centro burocrático, seguindo a tendência da urbanização da América Latina, mas como centro industrial! “A cidade expandiu-se radialmente num surto de indisciplina da energia. Residências e indústrias espalham-se num uso pródigo de espaço... O

2. KLAXON. Editorial 15 de maio de 1922. In: Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
3. ANDRADE, Oswald. *Um homem sem Profissão: sob as ordens de mamãe - memórias e confissões*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. (Obras completas, 9)

Diário Popular (2 de março de 1892), alvissareiramente, descrevia o 'canto alegre e ruidoso do italiano em trabalho e o barulho das forjas' na Bela Vista, que, como outros bairros italianos, se tornaram uma 'oficina de trabalho vivo, uma fábrica gigantesca de futuros paulistas, nova geração, destinada pela hereditariedade operária do Velho Mundo a transformar completamente, para melhor, o aspecto physico e comercial de nossa terra'.⁴

Os trabalhadores, nova força social presente na modernidade, manifestada na greve de 1917. Não só politicamente a nova força social está presente. Os cortiços do centro da cidade fazem parte dos imperativos do capital. Capital que se impõe pela industrialização marcando o moderno na cidade.

Crescimento da população e da indústria, modificações nos costumes. As moças já não se casam tão cedo. Na década de 1930 elas só se casam depois dos vinte. Antes, há muito que estavam casadas. É a indústria que as recruta, retirando-as do *house-hold*. Imperativos do capital. O aumento da população e o crescimento da cidade reduzem o espaço quantitativo. Típico de metrópole: valor de uso dando lugar ao valor de troca, determinando a onipresença do trabalho abstrato da cidade. "No espetáculo da multidão o indivíduo se perde e para a cidade se torna ora paisagem, ora vitrines. Em seguida, paisagens e vitrines tornam-se 'magazine'... 'Atribuir uma alma a esta multidão é o verdadeiro papel do *flâneur*. Seus encontros com ela são a experiência vivida da qual não cansa de desfrutar'.⁵ Talvez por essa razão, uma grande parte dos "despossuídos" morem no centro da cidade, cortiços, espaços mais amplos para a *flânerie*. Retirando-se ele próprio como despossuído da *mob*.

A leva de imigrantes desde a segunda metade do século passado e a de migrantes neste século suprem a mão-de-obra da indústria voraz. No começo da década de 1950 este fluxo aumenta: a seca no nordeste expulsou 1.100 pessoas por dia, que vinham para a cidade de São Paulo. A introdução do bonde atendia às necessidades de locomoção dessa massa que adensa a metrópole. As zonas mais urbanizadas da cidade são servidas pelas linhas de bondes da Light. "Havia pontos na av. Higienópolis, nas ruas Dona Veridiana, Barra Funda, Júlio Conceição, Circular, Liberdade, Largo da Água Funda, ruas Paula Souza, Paraíso, e os bairros de Cerqueira César, Penha a av. Tiradentes, rua do Hipódromo,... largo do Cambuci e das Perdizes".⁶ Bairros da burguesia cafeeira industrial ou os bairros operários. O meio de transporte, o mesmo: o

4. MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, p. 196.
5. MATOS, Olga. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. *Espaço e Debate*. s.n.t.
6. *Jornal de São Paulo*, 9 de junho de 1946. Apud Ernani da Silva BRUNO. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, v. 3, p. 1.045.

bonde. Claro que suas especificações de classes separavam o bonde em tipos específicos: o camarão, via Higienópolis e Angélica, e o bonde aberto com reboque ia à Penha, via Brás.

Depois de 1920, crise no fornecimento de energia elétrica na cidade. As indústrias absorviam quase todos os quilowatts produzidos. Os bondes quase param. O ônibus como solução. Inicialmente, bancos montados em carroçarias de caminhões Ford.

“Multiplicaram-se depois consideravelmente linhas de ônibus, dispondo de carros confortáveis, ao mesmo tempo em que a viação urbana se estendeu por mais de duzentos quilômetros...”⁷

O automóvel também se insere na atmosfera do moderno na cidade. Em 1908 já havia um Automóvel Clube com o sentido de esporte. O circuito ligando Pinheiros a Santo Amaro via Itapeverica foi a primeira corrida de automóveis realizada nos primeiros anos do século. A velocidade dos automóveis cantada pelos modernistas. O amor existe. Mas anda de automóvel. Isto para Mário de Andrade. Deixa de ser veículo para esporte e passa a transporte. As ruas se enchem de veículos. O barulho da rua faz-se sinfonia de buzinas, congestionamento. “Acontece, porém, que no palco de nosso século se representa essa ópera barulhentíssima a que Leigh Henry lembrou o nome: *Men in the street*.”⁸ Com o automóvel a paisagem da cidade se transforma mais ainda. Viadutos, o túnel Nove de Julho, a passagem subterrânea no Vale do Anhangabaú. As avenidas se alargam. Valor de troca sobrepondo-se a valor de uso. Coletivo e privado coexistindo na Praça João Mendes.

Em 1923, a cidade atenta, algumas pessoas, privilegiadas, com fones nos ouvidos. Fazia-se a primeira transmissão da Sociedade Rádio Educadora Paulista. Pouco tempo depois uma parcela pouco maior podia ouvir o galena. Necessário muito cuidado, pois a qualquer trepidação se perdia o que era transmitido.

“Apareciam os primeiros rádios de galena; o nosso fora montado por Remo, habilidoso em assuntos de eletricidade. A transmissão dos programas, ouvidos através de um par de fones, era perfeita. A princípio todo mundo queria ouvir rádio, participar da novidade, os fones disputadíssimos! Depois, passado o primeiro momento de entusiasmo, os fones tornaram-se, praticamente, propriedade de mamãe, que não os dispensava ao passar a roupa a ferro, à noite,

7. BRUNO, Emani da Silva. Op. cit., p. 1.351.

8. ANDRADE, Mário de. A escrava que não é Isaura. In: *Obra Imatura*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

depois do jantar, colocava vários travessieiros sobre a cadeira, banquinho embaixo, onde pousava os pés, sentava-se diante de um monte de roupa a ser passada, os fones nos ouvidos. Era divertido vê-la, ora rindo, ora se emocionando com os programas, tristezas e alegrias refletindo-se em seu rosto.”⁹

O incômodo e “primitivo” rádio galena cedeu lugar ao moderno aparelho com alto-falantes, cuja voz penetrava indiscretamente pelos cômodos da casa e atingia a vizinhança. Começo da década de 1930. A mesma testemunha nos fala do impacto deste aparelho da modernidade:

“Vi papai tirando do carro uma caixa enorme, parece que é um rádio... O aparelho, um ‘Zenith’, que papai acabara de comprar, tinha o formato de um oratório gótico, seu som era perfeito. Mamãe podia... pôr seu rádio galena fora de combate, ou então, melhor ainda, presentear-lo à dona Ana Maria portuguesa, que era louca pelo misterioso aparelho. ... A primeira vez que mamãe lhe colocou os fones no ouvido... se assustara: ‘Ai, meu Deus! Não virá por parte do inimigo, não...?’ A música voltara à nossa casa com o ‘Zenith’. Cesar Ladeira, o ‘Bico de Ouro’, voz empostada, cristalina, anunciava os programas, dava conta do que se passava no mundo... Quem na vizinhança possuía um rádio igual ao nosso? Nem igual, nem nenhum. O nosso era o primeiro. Parava gente no portão para ouvi-lo. Os botões da sintonização do aparelho, virados ao máximo, faziam aumentar o som que era distribuído, generosamente, a quem quisesse ouvi-lo.”¹⁰

Com o rádio de alto-falantes, produz-se uma “linguagem radiofônica”. Surge o “Amigo Ouvinte”, que sai do púlpito e passa para o rádio. *Você*, forma anticulta e mais coloquial, atendia

“... às exigências de alcançar um maior número de pessoas de todas as classes, foram as exigências de simpatizar, as de familiarizar... o você tinha utilidades psicológicas e gramaticais que levaram, *inconscientemente*, os locutores cariocas a usarem (Você)”¹¹.

9. GATTAI, Zélia. *Anarquistas Graças a Deus*. Rio de Janeiro, Record, 1983, p. 224.

10. *Ibid.*

11. ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: *O Empalhador de Passarinhos*. São Paulo, Martins, 1972, pp. 175 e segts.

“O rádio, como a oratória e o teatro, mas sem possuir o poderoso elemento plástico destes, é um instrumento de convencer. Dizem-no instrumentos de educar. Prefiro dizer que ele se utiliza, como atitude educacional, só o elemento de convicção. Em sentido muito geral e nada pejorativo, determinado pelas próprias circunstâncias da sua vida, o rádio é um instrumento de anúncio. Tanto anuncia uma canção como um ato governamental e, comercialmente, agora, o remédio mais eficaz contra o reumatismo.”¹²

Mário diz que o rádio, tendo que convencer e anunciar, abandonou com muita habilidade seu público mais restrito e culto. Referia-se à paulatina transformação das seletas “sociedades radiofônicas”, que admitiam somente sócios, para rádio num sentido de massas, que, através da propaganda, procurava atingir maior número de ouvintes. O rádio atendia também aos imperativos da metrópole que se transformava. Os imperativos da cidade que se industrializava, com uma população cada vez maior e com acentuada diferenciação de classes. Surgem emissoras de rádio para as diferentes classes sociais. Cada classe vê/ouve o rádio de forma diferente. Havia transmissões diferentes para cada classe social, marcando os limites da sociedade burguesa.

O índice publicado pelo Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda indica o percentual de pessoas divididas por bairros/classes possuidoras de aparelhos de “radiodifusão”:

“A percentagem de rádios em alguns bairros da Capital foi assim discriminada, depois de diligente investigação:

Higienópolis

Têm rádio 94% das casas visitadas; 6% não têm

Perdizes

Têm rádio 62,2% das casas visitadas; 37,8% não têm

Vila Mariana

Têm rádio 46,3% das casas visitadas; 53,7% não têm

Ipiranga

Têm rádio 58% das casas visitadas; 42% não têm

Lapa

Têm rádio 72% das casas visitadas; 28% não têm

12. Ibid.

Sant'Ana

Têm rádio 58,9% das casas visitadas; 41,1% não têm

Brás

Têm rádio 64,6% das casas visitadas; 35,4% não têm

Av. São João (no trecho entre as ruas Duque de Caxias e General Osório)

Têm rádio 84,6% dos apartamentos visitados; 15,4% não têm”¹³.

Bastante significativa a interpretação da revista oficial. Nos bairros residenciais médios, isto é, habitação de valor inferior a 80 contos de réis, os índices favoráveis oscilam entre 46,3% e 63% contra 53,7% e 37,8% negativos. Os bairros mais industrializados apresentam índices elevados de possuidores de rádio. Por essa época a cidade tinha quase 150 mil aparelhos de rádio receptores. Aproximadamente 9,8 pessoas por aparelho. Quase 700 mil pessoas ouviam rádio na cidade.

Reprodução das condições de produção. Uma formação social, além da produção, precisa para isso mesmo produzir as condições. É para onde aponta uma conhecida linha de pensamento. O rádio se insere neste modo de pensar. Reproduz as relações sociais vigentes, seja no plano do concreto, seja no das significações.¹⁴ Para além da reprodução e das condições de produção, o surgimento de uma linguagem radiofônica. Para além da reprodução das condições de produção, um espaço de lazer. A cidade grande, com sua população sendo capturada pelo drama, por certa música que prendeu a atenção e o interesse da grande massa. Onde reside sua capacidade de capturar o público?¹⁵

Ou simplesmente a inserção do rádio na concepção adormida: um negócio diretamente ligado ao desenvolvimento da técnica a serviço da repressão e de uma classe dominante. Domesticador das espontaneidades do público, por isso a música ligeira, domesticadora dos ouvidos, fazendo-os adivinhar os próximos acordes. “O poder social adorado pelos espectadores exprime-se de modo mais válido na onipresença do estereótipo realizado e imposto pela técnica do que pelas ideologias velhas e antigas, às quais os efêmeros conteúdos devem-se ajustar.”¹⁶ Apocalipse da modernidade. Para além do apocalipse. Para além da

13. O progresso da radiofusão em São Paulo: São Paulo de ontem, de hoje e de amanhã. *Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda*. I (12), jan./fev./mar. 1942.

14. GOLDFEDER, Mirian. *Por Trás das Ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p.24.

15. MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço: cultura de lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 54.

16. ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Iluminismo*. s.n.t.

reprodução das condições de produção. Tudo isto ao mesmo tempo, mais capacidade de capturar o público.

É a década de 1930 que integra o rádio na modernidade, o Estado e o rádio, a vida cotidiana e o rádio, o rádio e a vida cotidiana. O rádio também como mais um elemento de ascensão na sociedade de classes. Moderno. Novas profissões na cidade moderna.

“É através deste desempenho que o rádio vincula simultaneamente aos setores políticos, aos mecanismos tradicionais de comunicação de massa, às esferas formais da educação e àquelas expressões vagamente identificadas com a vida intelectual do país. Finalmente, como centro de entretenimento popular, o rádio compõe o elemento de divertimentos públicos que, naquele processo de secularização da cultura nacional,... substituíram, como recreações comercializadas e profanas, os centros lúdicos que o Brasil rural tradicionalmente giravam em torno das esferas hieráticas. São estas finalidades que fazem do rádio expressão particular das manifestações artísticas, mais populares que eruditas, da cultura nacional, e ao mesmo tempo situam-no o teatro, o cinema, os clubes noturnos, as gravadoras e mais recentemente as estações de televisão.

... todas estas múltiplas e às vezes emaranhadas atribuições, quando captadas na dinâmica interna da emissora, traduzem-se em critérios responsáveis pela distribuição dos profissionais pelos diferentes setores e atividades da estrutura empresarial.”¹⁷

A rapidez do rádio e a rapidez da indústria. Nova dimensão de tempo.

O tempo nos tempos modernos

Os ciclos naturais e cósmicos marcaram o tempo na morna cidade provinciana. Os acidentes naturais, os cantos, a vida em geral comprimia o tempo. As aventuras dos bairros descentralizados, com experiências próprias, identidades. Os ritos também marcavam o tempo: as festas religiosas, as procissões, bailes, quermesses. Tempo medido pela atividade criadora.

17. PEREIRA, João Batista Borges. *Cor, Profissão e Mobilidade: o negro e o rádio em São Paulo*. São Paulo, Pioneira, EDUSP, 1967, pp. 61-62.

Os fins do século XIX empurram a cidade morna e provinciana aos primeiros passos em direção à metropolização. O capital do café industrializa a cidade. A noção de progresso e a crença no desenvolvimento técnico. Tempo da “eletricidade, telégrafo, cabo submarino T.S.F. caminho ferro, transatlântico, automóvel, aeroplano” no texto modernista.

A cidade, transformando-se em metrópole, se espacializa para dar livre passagem à circulação de mercadoria e à acumulação do capital. Há uma passagem do qualitativo para o quantitativo. A passagem da cidade para a metrópole se faz quando o valor de uso é substituído pelo valor de troca. O tempo não mais medido pela duração da atividade criadora, mas pelo tempo espacializado. O ato de produção reclamando um certo tempo. *A Miséria da Filosofia*, de Marx, sugere: “O homem é o escravo do tempo, nada mais do que a materialização do tempo”.

O tempo da cidade passa a ser preenchido por coisas quantitativamente mensuráveis. A produção dos operários é marcada mecanicamente, sem personalidade, sem o humano. É aqui que entendemos a função dos relógios. O pêndulo passa a ser a medida exata da atividade de dois operários. A quantidade passa a decidir tudo. Hora por hora. O ganho não é por tarefa, mas por hora. Salário/hora. Horista. Relógio em vez de calendário.

O mercado domina a metrópole com uma exatidão calculista que a economia do dinheiro criou, transformando racionalmente o mundo num problema aritmético. Esta precisão aritmética foi efetuada pela difusão universal dos relógios de bolso.

O relógio de bolso, aparente individualização de uma sociedade e de uma cidade que tendiam a diluir o indivíduo, “vítima” dos imperativos do capital. Na verdade, o relógio de ponto da fábrica se incumbia de esfumazar o sonho da individualização na sociedade massificada e marcada pela hora/trabalho/capital/produção. Novas formas de marcar o tempo. Novos ruídos que vêm das ruas. As fábricas lançam apitos que ferem os ouvidos dos *flâneurs*. As sirenes, os sinos, os relógios das torres das igrejas chamando a atenção para o tempo da produção.

Tempo marcado pelos horários dos meios de transportes que atendem aos designios de uma metrópole marcada pela espacialidade do valor de troca. O bonde precisa passar em determinadas ruas e em determinadas horas para despejar multidões de trabalhadores nas portas das fábricas a tempo de bater seus cartões e iniciar o processo produtivo. Os automóveis congestionam as vias da cidade, que se transforma e se adapta para que eles não mais congestionem as vias que devem ser livres para a passagem do capital. As buzinas dos congestionamentos marcam um tempo: hora em que se inicia o trabalho, hora em que se encerra o trabalho.

O tempo passa a ser o valor supremo que produz coisas de valor para o mercado e para as condições materiais de vida.

“O tempo era um instrumento indispensável para a produção de bens num mercado sempre em expansão. Desse modo, o tempo podia ser encarado como um precioso elemento de riqueza, pois ele sozinho tornava possível a produção de todas as outras mercadorias. Dizem ainda: tempo é dinheiro. É igualado ao dinheiro porque as mercadorias produzidas no tempo significam dinheiro.”¹⁸ “Por isso mesmo, o homem é só carcaça do tempo. Não é uma hora de homem que vale a hora de outro homem, mas o homem de uma hora vale um outro homem de uma hora”.¹⁹

Há a despersonalização do indivíduo autônomo que se dissolve na metrópole, onde o tempo é mensurado pelo relógio. Despersonalização das relações sociais. Formação de multidão nascida com a própria metrópole. Diluição do indivíduo. Já se disse que é importante o papel do poeta, do artista, do *flâneur* na tentativa de resgatar o indivíduo desta multidão diluidora.

O rádio no mundo da velocidade. Das medidas e de uma cronometria da linha de produção taylorista que se impõe no país e na cidade. Os programas também atendem às imposições do novo tempo como nova medida de tempo. A própria gênese do rádio acompanha a metamorfose da mensuração do tempo - inicialmente havia diferentes horários para que cada estação pudesse desfrutar da audiência. Este tempo do rádio estava ainda ligado a uma cidade que ainda mantinha resquícios de um tempo que ainda não estava sob o império do capital.

A imposição de um espaço onde prevalecia o valor de troca mudou o tempo do rádio. As programações fazem-se seguindo as inovações. O rádio transforma-se no relógio dos analfabetos, dos que não sabem ler as horas no relógios: a roupa deve ser posta no tanque antes do programa policial, as pessoas da casa devem acordar antes do programa sertanejo. Os jornais falados determinam também um iniciar e um terminar da jornada de trabalho.

O rádio não faz nada mais do que reforçar um tempo mensurável da metrópole que despersonaliza o indivíduo autônomo, dissolvendo-o. Diluição do indivíduo. Despersonalização das relações sociais. Já se disse que é importante o papel do *flâneur* na tentativa de resgatar o indivíduo da multidão metropolitana.

No entanto restam algumas questões. Não seria esta formulação, em que o indivíduo é diluído na metrópole, uma postura apocalíptica para analisar o crescimento das cidades? O que seria do *flâneur* sem a metrópole, com suas multidões desindividualizadoras? Na cidade cujo tempo era comprimido pela

18. MEYERHOFF, Hans. *O Tempo na Literatura*. São Paulo, MacGraw Hill do Brasil, 1976, p. 93.

19. MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. s.n.t.

vida, isto é, o oposto da metrópole, poderia ocorrer uma dissolução do *flâneur*, dando-lhe poucas possibilidades de produzir poeticamente, no sentido dinâmico e crítico. Só a metrópole resgata o *flâneur* do tempo mensurado pelos acidentes naturais e ritos.

O moderno e o tempo. O ritmo de mercado e principalmente a industrialização é que “introduziram no mundo moderno o tempo linear de vida cotidiana”²⁰.

20. MARTINS, José de Souza. No mundo das mulheres. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27 de maio de 1984.